

Um espetáculo chamado Ronaldo Brandão

FOTOS: CARLOS ALENQUER

Intelectual, jornalista, crítico, ator, autor, diretor de teatro e cinema desde os anos 1960. Hoje em retiro voluntário, Ronaldo Brandão continua um espetáculo. Para marcar a entrevista foi uma aventura que durou dois anos. Depois tentamos achá-lo em casa. Nada. Rodamos a rua onde ele encontra com os amigos num bar da Savassi. Nada, de novo. Até que o Beto deixou uma carta na sua caixa de correio e ele respondeu e marcou a conversa.

Conversa? Entrevista? Bom, Ronaldo Brandão é Ronaldo Brandão. E assim foi nossa conversa com ele, do jeito que ele quis, respondendo o que quis e como quis. Uma não-entrevista é uma boa entrevista, quando a pessoa assume seu personagem e diz tudo o que quer na cara do seu público, a nossa e a do leitor.

Participaram: Beto Vianna, Carlos Alenquer, Luís Carlos Brito, Marcelo Procopio e Ariel. (O Cometa)



Primeiro plano. Todos sentados à mesa a espera de Ronaldo que estava em outra com amigos. Ele se aproxima, Alenquer começa a tirar fotos: "Já vai fazer as fotos? Eu nem fui ao salão de beleza ainda..."

Carlos Alenquer: Vou fazer só fotos bonitas, Ronaldo.

Ronaldo Brandão: Eu vou começar a entrevista lendo o que escrevi, seria assim um intróito. Eu vou falar rapidamente sobre o meu perfil e depois serei bombardeado pelas perguntas:

- Ronaldo Brandão, 70 anos. Jornalista em retiro voluntário. Crítico de cinema e teatro. Ator. Ensinador. E algo mais. Com um detalhe importante: o primeiro gay assumido da imprensa mineira. Agora, quando fazem parada gay, eu jamais compareço. Porque acho ridículo. No meu tempo de faculdade nós saímos em passeatas contra a ditadura militar e corríamos de cavalos e soldados. E de porradas. A minha primeira façanha: eu me formei em 1964, no ano do golpe, fui ao Rio de Janeiro com a minha grande colega de turma, Wanda Figueiredo (para quem não sabe é irmã do Henfil e do Betinho, da campanha da fome). Fomos convidar logo o maior desafeto do golpe para nos paranimfar: Carlos Heitor Cony.

Entre parênteses 1: Uma coisa que não entendo até agora, é porque fui chamado a dar essa entrevista para uma edição comemorativa de um jornal que faz 28 anos, que poderia estar entrevistando alguém que estivesse em atividade, que tivesse uma atuação mais relevante: pu-

blicando um livro ou estreando uma peça teatral.

Mas eu só peço que não me traiam, porém me comprometam, porque eu quero falar cobras e lagartos. (Risos) Eu já estou comprometido. De uma coisa tenho certeza, quando eu morrer vou pagar tão pouquinho pelo crematório, sabe por quê? Minha taxa vai ser mínima, porque eu já estou queimado há muito tempo. (Risos e Risos)

Beto Vianna: Ronaldo, eu só queria fazer um adendo e não quis te interromper na hora, mas você falou que no aniversário do jornal a gente tinha que entrevistar alguém relevante e que estivesse em atividade. Nós estamos numa situação aqui no Brasil e acho que todo mundo na mesa concorda, que quem está em atividade não é relevante.

Ronaldo (prossequindo o intróito): Olha a corrupção da política. Olha a corrupção política. Eu sempre fui uma pessoa de esquerda, no meu comportamento, na minha vida. Eu subi e desci os degraus mais importantes da imprensa brasileira, entre os anos de 1962 e 76. Eu comecei na antiga sucursal da Última Hora. Em 63. Ainda estava na Faculdade.

Marcelo Procopio: Em qual editoria?

Ronaldo: Eu fazia o seguinte, o grande Paulo Francis, no

Rio, leu uma crítica de teatro que fiz e perguntou: quem é esse tal de Ronaldo Brandão? Ah, tá cobrindo a Copasa. Ele: "Tira esse homem da rua e põe na cozinha, no copy-desk, que ele escreve bem". Fui pra cozinha e nunca mais saí. Apesar de eu não saber fazer nem um ovo frito, viu? Aí fui ser redator. Na época a gente ganhava pouco. Era redator mas pagavam como...

Marcelo: ...foca.

Ronaldo: Não, foca eu nunca fui...

Marcelo: Digo salário de foca.

Ronaldo: Quer dizer, comecei pela crítica, a coisa mais difícil é a crítica, é o ponto mais relevado. Falo da crítica de teatro, cinema, literatura, música e tal. Porque um ator medíocre, uma atriz que está começando você ainda releva e perdoa. Mas um mau crítico é imperdoável.

Marcelo: E ainda existe uma boa crítica?

Ronaldo: Eu acho que sim. Eu amo Bárbara Heliodora Carneiro de Mendonça, do Globo, que é demolidora. E adorava Ian Michalski e Paulo Francis. Sábado Magaldi, que é mineiro, e conheço muito bem, eu também trabalhei no Estadão e na revista Veja, depois. Sábado é um grande crítico literário, da dramaturgia, mas não sabe ver o espetáculo. Quem sabe ver o espetáculo, vê o texto em primeiro lugar, o diretor, a luz, o cenário, figurino, os atores. Na verdade o crítico é quem consegue analisar tudo.

Agora, eu acho assim, citando Oscar Wilde, um de meus autores preferidos: o mundo é um palco, mas o elenco foi muito mal escolhido. (Risos)

Marcelo: Agora, Ronaldo, quando eu perguntei se existia crítica no Brasil hoje, você citou alguns nomes, mas só um em atividade...

Ronaldo: Ih, nós temos aqui gente boa.

Marcelo: Em Minas tem?

**CINEMA É MINHA PAIXÃO.
TEATRO É O QUE EU GOSTO
DE FAZER. SEM SUBVENÇÃO.
EU SOU CONTRA VERBA.
EU SOU CONTRA GOVERNO
DAR DINHEIRO, QUE É
PICARETAGEM (...). ENTÃO,
LEI ROUANET, ISSO É TUDO
UM EMBUSTE. EU PREFIRO
VENDER O MEU INGRESSO E
COMPRAR O MEU PÃO.**



Ronaldo: Tem. Nós temos um rapaz no Jornal de Minas (sic) que é ótimo. Temos um outro. Na atividade da crítica o mais importante é saber. Eu vi mil espetáculos, tô falando por cálculo, não é contabilizado. E 40 mil filmes. Eu sou dos poucos brasileiros ainda vivos que viu 40 mil filmes. Comecei a ver cinema com sete anos, estou com 70. E cinema, graça a deus, só tem 108 anos. Imagina se o cinema tivesse começado há 2.500 anos, eu tava louco! Cinema é de 1895 pra cá. Então tá muito recente. Eu fico horrorizado quando vejo alguém falar, “ah aquele filme antigo de Marlon Brando”. Eu digo, Marlon Brando? Filme antigo?! Marlon Brando é moderno, filme antigo pra mim é de 1915. É filme mudo. Marlon Brando é 1950. Eu via quatro, cinco filmes por dia.

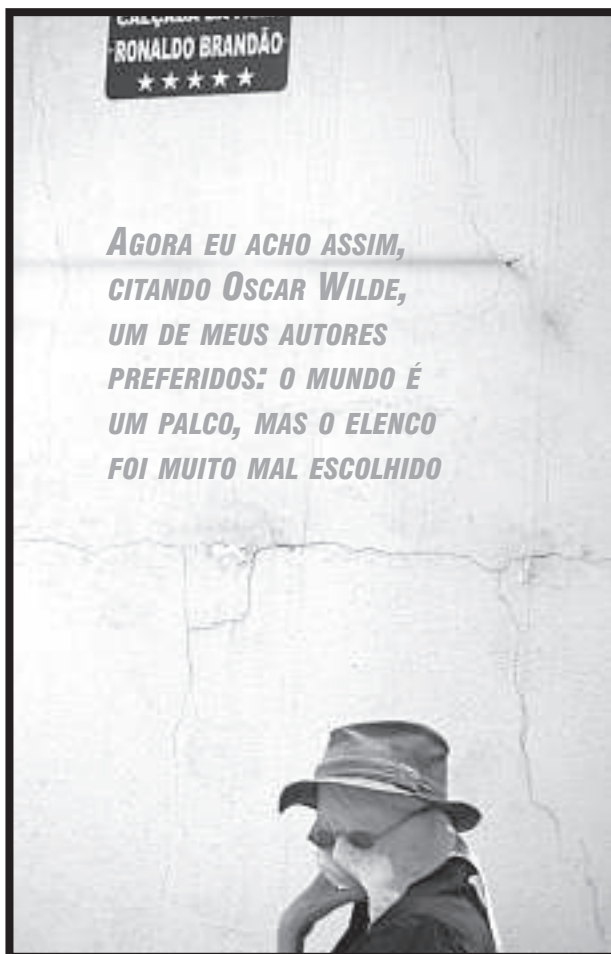
Marcelo: Você via tanto filme que você acabou criando um cinema, né? A sala ali na rua da Bahia, o Cineminha Novo...

Ronaldo: Na verdade o cinema é minha paixão. O teatro é o que eu gosto de fazer. Sem subvenção. Eu sou contra verba. Eu sou contra governo dar dinheiro, que é picaretagem. Tem gente em Secretaria de Cultura, não vou dizer quem, que protege os amigos, os apaniguados. Então, Lei Rouanet, isso é tudo um embuste. Prefiro vender ingresso e comprar o meu pão. A grande Cacilda Becker é a maior atriz brasileira de toodos os tempos, maravilhosa. Eu a vi no teatro pelo menos umas oito vezes. E ela fez, com Jardel Filho, Floradas na Serra, que é o melhor filme brasileiro já feito. Os dois estão imbatíveis. Cacilda, a grande Cacilda Becker, falava assim: por favor, não me peçam para dar a única coisa que tenho para vender, que era sua arte. E Cacilda foi a nossa Sarah Bernhardt, porque ela mapeou a dramaturgia brasileira e mundial. Montou Machado de Assis, Nelson Rodrigues, Molière, Eugene O'Neill, Sartre, Beckett. Fernanda Montenegro, com todo respeito, não exerce o mesmo fascínio cultural, porque a Fernanda monta uma coisinha para ela. Como Dona Doida, êêai, aquela peça tão medfocre, daquela cozinheira lá de Divinópolis.. (Risos)
Cacilda montava A Visita da Velha Senhora, de Friederich Dürrenmatt e apresentava do Oiapoque ao Chuí.

Marcelo: E não tinha subvenção...

Ronaldo: Ah, e nem queria. Cacilda morava num apartamento pequeno. Mas deixa eu falar: por que gosto de teatro? Porque é uma atividade intelectual criativa. Então, abandonei a crítica para ser criticado. É muito melhor, é uma posição mais cômoda. Porque quando você é crítico, normalmente você não pode errar. Num julgamento, numa informação, até mesmo sobre a qualidade do texto. Agora, um atriz proeminente com o tempo pode até melhorar. Com o tempo quem é ruim melhora, né? Tarcisio Meira sempre foi um canastrão e continua sendo. Mas

**QUEM SABE VER O ESPETÁCULO,
VÊ O TEXTO EM PRIMEIRO LUGAR,
O DIRETOR, A LUZ, O CENÁRIO,
FIGURINO, OS ATORES. NA
VERDADE O CRÍTICO É QUEM
CONSEGUE ANALISAR TUDO.**



hoje temos felizmente grandes atores: Wagner Moura, temos esse maravilhoso que é o Ney Latorraca. Eu já dirigi gente como Lilian Lermmetz, maravilhosa. Dirigi Marco Nanini, José Mayer, que hoje é um astro da Globo. Eu descobri e tornei Mayer um star em Belo Horizonte, onde não tinha a Globo, mas tinha a TV Itacolomi.

Marcelo: Sergio Mambert também.

Ronaldo: Sergio Mambert é um ator característico. É outra prateleira. Só faz o mesmo papel. Os grandes atores brasileiros foram: Sergio Cardoso, o grande e maravilhoso Paulo Autran, recentemente falecido. Mas vamos falar de outra coisa, estou cansado dessas coisas.

Alenquer: Voltando a provocação do Marcelo. É possível você fazer crítica hoje no Brasil com 30 linhas, como os jornais querem?

Ronaldo: Eu acho que isso seria uma... Por exemplo, quando eu trabalhei em São Paulo na revista Veja, quem me levou pra lá foi o Mino Carta, eu tinha saído do Jornal da Tarde. Então estavam lá meu discípulo Flávio Marcio, meu colega Fernando Mitre, Carlinho Chagas: 70% de mineiro, 12% de italiano, 5 de paulista e 1 do Rio. (Risos)

Alenquer: Por isso que deu certo a revista.

Ronaldo. O pessoal do Diário de Minas foi quase todo importado. Antes de ir para lá, passei pelo Estado de Minas. E aí me deram uma dobradinha, sabe, Alenquer. Era copy-desk. Hoje é computador, essa porcaria. Na época a gente reescrevia o texto dos repórteres. O modelo do Diário de Minas era o JB, que era o maior jornal do país. Posteriormente, durante a ditadura, foi criado o Jornal da Tarde, parecia uma revista diária, com matérias mais leves, sofisticadas, porque não se podia falar muito de política. Vocês lembram muito bem que quando uma matéria era censurada, o Estadão e o JT publicavam receitas de bolo, poemas de Camões. Quem introduziu isso foi Murilinho Felisberto, que era de Juiz de Fora.

Aliás, a turma de Juiz de fora, Geraldo Mayrinki, Flávio Márcio, Fernando Gabeira, era das melhores.

Marcelo: Foi você que criou o Flávio Márcio...

Ronaldo: Eu o lancei. Quando ele veio para Belo Horizonte, eu fui buscá-lo orgulhoso na Rodoviária. Trouxe o Flávio, que era crítico de cinema em Juiz de Fora e o introduzi na imprensa mineira, no Diário de Minas. O nosso teatro era maravilhoso. No DM tinha ainda o Urias Botelho, Alberto Cunha, Ari Franco, Laozinho, pai do João Paulo que hoje é editor de Cultura do Estado de Minas. Tinha um tal de DM2, o caderno de cultura. Quando teve o golpe militar, o Gabeira foi para o JB no Rio e depois seqüestrou aquele embaixador, o que fez muito bem. Eu votaria no Gabeira para presidente do Brasil. Bom, voltando, aí fui para o Diário de Minas lá já tinha o Ivan Ângelo, Affonso Romano de Sant'Anna, Henfil. E Ênio Fonseca que era nosso chefe de redação. Posteriormente o Wander Piroli, esse eu ponho no céu. Mas fui para o Estado de Minas para ganhar uma dobradinha: era copy à noite e pela manhã trabalhava na TV Itacolomi, onde era editor de texto. Tinha um homem lindo como Alain Delon, chamado Estácio Ramos. Ele foi até convidado para ser galã de cinema, mas recusou. Foi Maurício Gomes Leite, o grande crítico, que chamou. Mas Estácio era tímido e recusou: “nem se Ronaldo Brandão me der aula”.

Mas aí o que aconteceu: meu pai morreu em 1970, aos 62 anos, minha mãe sobreviveria até os 92, falecida há quatro anos. O que eu fiz: pensei, quer saber de uma coisa, eu vou é para São Paulo de uma vez por todas. A minha mãe viúva, minha irmã casada, o outro também, cada um tá na sua.

Fui para São Paulo. O mesmo provincianismo que tem aqui tem lá. Por exemplo, Eva Wilma lança uma peça que foi uma porcaria. A montagem dela de Um Bonde Chamado Desejo de Tennessee Williams, que eu vi em várias montagens, inclusive a maior de todas, com Marlon Brando e Vivian Leigh. Aí montaram essa porcaria e eu meti o pau: havia uma estréia para convidados. A secretária de Mino Carta, essa péssima atriz, que agora se diz viúva de Paulo Autran, a Karim Rodrigues, vira pro Mino e diz: aquele crítico lá de Belo Horizonte está falando mal da peça da Vivinha. Aí o Mino me chama, muito educado e pergunta: “Você não prefere rever a peça, o espetáculo de quinta-feira?” E eu: não, Mino. Ele tinha certeza que era inconveniente interferir na crítica dos críticos.

(Pausa para fotos, Ronaldo faz poses e diz: “Aos 70 anos cinturinha de formiga”. - Risos).

Ronaldo: Uma honra eu tenho – posso falar? – eu subi e desci as escadas das melhores redações desse país. E de todas pedi demissão.

Marcelo: E por que você saiu?

Ronaldo: Porque cansei. É melhor ser criticado que ser crítico.

Marcelo: Quando você voltou para Belo Horizonte, disse que preferia reinar aqui que ser mais um em São Paulo.

Ronaldo: Não é só isso. Eu hoje sou uma pessoa que estou praticamente na miséria. Não de passar fome,

pedir dinheiro. Eu sou muito chique, moro num apartamento de quatro quartos, com tapetes persas, entendeu?

Beto: Você estava falando de Eva Wilma e a montagem de Um Bonde Chamado Desejo.

Ronaldo: Ela montou com Nuno Leal Maia. Como eu era crítico da Veja, tinha obrigação de ver o espetáculo, pagar o ingresso, porque a revista não permitia ir com cortesia. E uma frase foi tão significativa, eu falei: “A melhor coisa do espetáculo foi quando o bonde passou”. (Risos e aplausos)

Beto: Há pouco o Grupo Galpão montou uma adaptação livre e chamou o espetáculo de Um Trem Chamado Desejo.

Ronaldo: Eu acho um desaforo, o Corpo, apesar de todo o talento dos Pederneiras. Ninguém nega o talento da Cleusa, a maior cenógrafa brasileira, dá de dez em Daniela Thomas, que é filha de Ziraldo e foi amante de Gerald Thomas. Aliás, o Paulo Francis falava uma frase muito inteligente: as peças de Gerald Thomas parecem anúncio de cigarro mentolado. É uma pena que não dure 15 segundos. (Risos)

EU NÃO SEI FAZER NADAAAA. EU SÓ SEI ENTRAR EM CENA E VIRAR UMA SARAH BERNHARDT



Marcelo: Volta no Galpão e Corpo...

Ronaldo: Por que toda verba, da Petrobras, não sei o quê, não sei o quê, são só para o Corpo e Galpão? O que é muito nobre, mas eu jamais pediria uma centavo a um político para montar um Jean Cocteau, um monólogo do grande Machado de Assis. Um Nelson Rodrigues, que trouxe a Belo Horizonte para assistir O Beijo no Asfalto, que montei e dirigi em 1973.

Teve dois fatos memoráveis. Quando ele voltou pro Rio, ele tinha uma coluna no Globo simultaneamente publicada no Jornal dos Sports, aquele meio cor-de-rosa. Vocês estão lembrados?

Marcelo: Sim, o jornal era do irmão dele, do Mário Filho.

Ronaldo: Isso. E ele escreveu assim: “Se me perguntarem onde eu fora anteontem, eu fora a Belo Horizonte ver a estréia teatral da minha peça O Beijo no Asfalto, magistralmente dirigida por Ronaldo Brandão”. Como Nelson ficou três dias na cidade, eu o levei na Faculdade de Filosofia e uma estagiária de calcanhar sujo teve a audácia de falar assim: “Ah, seu Nelson Rodrigues, mas seus diálogos são considerados pobres”. Sabe o que o grande Nelson respondeu: “Minha cara estagiária, a senhora tem toda razão, só não sabe o quanto me custa empo-

brecê-los”. (Risos) Ronaldo: Quando estou atuando em teatro, daqui a pouco são nove horas da noite, eu fico te olhando, olhando para essa moça bonita, mas o texto fica aqui, ó. Quando entro no meu camarim, eu me tranco dentro de uma gaiola e começo a ser outra pessoa. Isto é maravilhoso: o teatro redivivo me transforma, você pode ser outro, alguém que não é você mais e não é preciso de psiquiatra, não precisa pagar na unimed. (Risos) E quando acaba, a única coisa que você quer é jantar bem e pagar um vinho pros amigos.

Alenquer: Quantos conhaques você tomava antes de cada apresentação?

Ronaldo: Nada.

Alenquer: Olha, quem conta isso é o Kimura, ele é confiável.

Ronaldo: Kimura é minha paixão, ele é um ator que anda de bicicleta, eu jamais andei de bicicleta, nunca nadei, nunca ganhei carro. Eu não sei fazer nadaaaa. Eu só sei entrar em cena e virar uma Sarah Bernhardt. (Risos)

Marcelo: Você pode estar no seu exílio espontâneo, mas continua atuando em cinema e dando aula. Não é?

Ronaldo: Eu não atuo mais. Mas estou com um projeto antigo que se chama O Arquiteto e o Imperador da Assíria, de Fernando Arrabal.

Beto: Você falou do Paulo Francis, que você gosta e tal. Ele publicou um texto no Pasquim que ele

fala o seguinte, que quando a gente deixa de atender telefone, é um hábito fácil, agora tente não atender mais a porta que você vai ser muito feliz. O que tô querendo perguntar é o seguinte: além da crítica, tem uma questão também das produções de cinema. Então o Mario Drumond fez um texto falando do enterro do cinema. Esta sua saída de cena tem a ver com o jeito com que está sendo feito o cinema no país?

Ronaldo: Minha saída não é saída nem entrada. Recentemente estive em Itabira, que é uma cidade maravilhosa: Itabira do Matto-Dentro...

Entre parênteses 2: chega o publicitário Luis Carlos Brito. Luis havia chegado na hora marcada, como os outros estavam atrasados, foi dar uma volta. Ronaldo vira-se para ele e diz: “Você foi pontual, mas agora tem direito só a uma última pergunta. A mais escandalosa”. (Risos)

Ronaldo: Estive em Itabira do Matto-Dentro, porque recentemente eu trabalhei num longa, aliás foi no ano passado, chamado Fronteira, baseado no livro de Cornélio Pena, dirigido por Rafael Conde, já fiz quatro filmes com ele. Corretíssimo. Eu cobro R\$ 500 reais por dia. Já posso colocar algo na minha geladeira. Só que minha geladeira ao invés de ter comida só tem aqueles imãs de artistas de

cinema. Aí você pode comer Alain Delon, Marlon Brando... (Risos). Eu fiz esse filme, que na verdade não foi filmado em Itabira, e sim em Conselheiro Lafaiete, porque ele conseguiu um casarão de 250 anos atrás e que coincidia com a imagem que Cornélio Pena – que aliás confesso que não conhecia, eu sempre adorava Lucio Cardoso, mas depois que li a Menina Morta de Cornélio Pena apaixonei, aliás era a paixão de Glauber Rocha.

Beto: É um texto que ele vai descrevendo assim na porta, olhando pela fechadura...

Ronaldo: Você sabe que Cornélio Pena era de Petrópolis, né? Ele morreu em 1952...

Marcelo: E esteve em Itabira em 1950...

Ronaldo: Ele adorava Itabira do Matto-Dentro. Eu posso falar um texto de Cornélio para vocês (fala ininteligível, os amigos de Ronaldo gritam na mesa ao lado. Ele levanta-se e diz: eu não vou embora não, é que meus amigos estão impacientes).

Ronaldo retorna: Eu cortei o telefone, o interfone, fornecedor do sacolão, o plano de saúde, só não cortei o SALÃO DE BELEEEZAAA. (Risos)

Claudia Fonseca (por telefone): Você acha que a juventude encareceu muito? Principalmente em termos culturais.

Ronaldo: Eu acho que encareceu pelo seguinte. Posso responder? Acho que o livro não tem a menor importância. No nosso tempo a gente tinha cinema e teatro. Cinema, muito. Televisão, nada. Livro, revista e jornal. Escola. A gente lia. (Declamando): “Ai que saudade que tenho da aurora da minha vida, da minha infância querida, dos anos que não voltam mais”. O gente, cês me perdoam mais eu tenho que me retirar...

Todos em uníssono: não, senta aí, e o Luís Carlos ainda tem que fazer a pergunta dele.

Marcelo: E a gente ainda queria saber se você, sobre a imprensa hoje, entre outras coisas.

Ronaldo: A imprensa mineira. Na minha época tinha 12 jornais. Estado de Minas, Jornal de Minas, Diário de Minas, Diário Católico, Diário do Comércio, sucursal do Última Hora, Correio de Minas, Jornal de Casa, Revista Alterosa... E acabou tudo.

Alenquer: Você quer dizer que a imprensa mineira acabou.

Ronaldo: Acabaram-se as publicações, por favor, os talentos não. Não me comprometam nessa entrevista. Estou mais queimado que...

Marcelo: Eu li uma entrevista com você sobre o filme O General, de Fábio Carvalho, que você fez um personagem que vivia na rua e você disse: “é um personagem anárquico como eu”. Você é um anarquista?

Ronaldo: É o seguinte, o meu personagem...



C'est là ce, bicho

A belga Vinciane Despret, colaboradora nesta edição, é curadora científica de uma mostra pra lá de psicodélica (não, não é em Itabira). Bêtes et Hommes (bichos e gentes) expõe de mil jeitos os mil relacionamentos que travamos com nossos irmãos do mato. Tem até oficinas pros parisiencinhos e outras feras se divertirem com o papá e com a mamã. Dou o site: <http://www.betesetshommes.fr/>. (BV)

trabalho de
Geoffrey Cottenceau



O cavalo que sabia contar

Existem dois tipos de cavalo: aqueles que sabem contar, os que não sabem, e nós. Hans era do primeiro tipo. Assim como o Dourado de Quijemeorone (ver artigo "Mistura fina", nesta edição), Hans acertava a aritmética e deixava todos de boca aberta, mostrando os dentes. (BV)

Minas de dinheiro 3

Dos 10 cartórios de notas de Belo Horizonte, apenas um não tem titular e substituto com o mesmo sobrenome. Além de gastar fortunas, o consumidor tem de esperar semanas ou meses pela realização de alguns serviços (pagos antecipadamente) e ainda é tratado como se recebesse um favor. (CAC)

A oitava Bala em Londres



O músico, cineasta e jornalista Marcelo Paganini teve dois curtas selecionados para o Porto Bello Film Festival – 2nd London Filmmakers

Convention, que acontece de 7 a 20 de dezembro em Londres. O primeiro é um curta experimental, The 8th Bullet, de 15 minutos, e trata da morte de Jean Charles de Menezes, pela Polícia londrina, que diz mas não prova, ter confundido o brasileiro com um terrorista, dois dias após o atentado a trens na cidade.

O segundo curta é um musical experimental, de três minutos, quando o fantasma de Jean Charles aparece na tela, enquanto a música The 8th Bullet Samba (mesmo nome do filme) do próprio Paganini é executada. A letra fala dos acontecimentos.

Paganini conta que no mesmo dia e horário que Jean Charles era morto sem explicação pela polícia, ele estava no trem que seguia de Paris para Londres: 22 de julho de 2005, às 10 horas da manhã na capital da Inglaterra. Os dois filmes serão exibidos no dia 12. Foram selecionados um total de 100 filmes.

Leia matéria do nosso colaborador em Paris sobre o assunto Jean Charles x Polícia nesta edição. (MP)



CARLOS ALENQUER

CONTINUAÇÃO ENTREVISTA COM RONALDO BRANDÃO

Beto: É Isabela Lacerda, a diretora?

Ronaldo: Isabela é a produtora, é mulher do Fabinho Carvalho. Eu fiz o papel de um, não um mendigo, sabe, um sem-teto, um homeless, um homem que não tem onde dormir. Ele é quietinho, não incomoda ninguém, é chiquíssimo...

Beto: Você disse que seu personagem era parecido com você, mas você é o contrário: tem onde dormir e incomoda todo mundo.

Ronaldo: A vida é a miniatura do teatro. O teatro faz crescer a vida, a agiganta. Quantos Hamlets, Desdêmonas, Othelos que conhecemos? Mas é como o palco os tivesse revelado. A vida traz os problemas. O teatro os resolve. Isto não é meu, é do Procópio Ferreira.

Luís Carlos Brito: Eu queria falar sobre cineclubismo. Na época da ditadura a gente tinha a lei do curta, que obrigava as salas exibirem curtas-metragens nacionais antes dos enlatados, depois veio outra lei que obrigava a exibição de um percentual de longas brasileiros. O que acontecia, a gente tinha uma produção não tão grande, mas que tinha a maior dificuldade de chegar ao circuito comercial. E hoje, proporcionalmente, você tem um volume de produção maior, mas os filmes continuam com dificuldade de chegar ao circuito comercial. Como você vê essa questão da distribuição?

Ronaldo: A gente tem que ver o filme que gosta. E a minha paixão é o cinema. Existem três ou quatro definições básicas sobre cinema. A primeira é física, é de Godard, Jean-Luc Godard, que fala assim: "O cinema é a verdade 24 vezes por segundo". A segunda definição é metafísica, é de Jean Cocteau: "Quando vamos ao cinema e as luzes se apagam, sonhamos juntos o mesmo sonho". A terceira é mais emblemática de um diretor francês: "O cinema é uma chama no meio da escuridão". Agora a quarta definição, eu não vou dizer de quem é e se me perguntarem eu não respondo: "Vai embora, porque o cinema foi feito para quem não tem nada".

Todos: "Ronaldo Brandão" (Risos).

Beto: Vem cá, não vou te perguntar nada, só quero falar uma coisa...

Ronaldo: Caaannnsei!

Marcelo: Tem uma frase sua que vi na internet que diz: "Há mais nomes no CEC – Centros de Estudo Cinematográficos de Minas – que estrelas na Metro".

Ronaldo: Na verdade quando o CEC fez 50 anos foi editado um livro sobre a memória do Centro de Estudos Cinematográficos de Minas Gerais e eu escrevi assim: há mais nomes no CEC que estrelas na Metro. Eu escrevi um artigo de umas quatro, cinco páginas. Mas eu detesto escrever, eu gosto é de ler. A melhor coisa do mundo é a leitura. Primeiro, é solitário, você não tem que fazer nada a não ser ler. A primeira coisa é desligar o som da televisão, e deixar a imagem como um aquário e pegar um livro ou uma revista de cinema ou de moda, um jornal, um ensaio de Jean Paul Sartre.

Beto: Ronaldo, me fala uma coisa, tô morrendo de saudade do Mário Drumond, do Hélio Zolini, me fala da Oficina Goeldi, do Filme 100% Brasileiro, de José Sette de Barros, do que você quiser. Eu quero perguntar o seguinte, o brizolismo dessas pessoas atingiu você?

Ronaldo: Eu sempre votava em Brizola, quando ele perdia, no segundo turno ia com Lula: essa jecooonaa. Agora tem vários candidatos, aquela brava da Dilma Rousseff. Eu votaria hoje em Aécio, porque voltaria a ser Minas no governo e o Aécio não manda porcaria nenhuma, que manda é o Anastasia e Andréia, a irmã do governador, que é a grande Macbeth do governo (risos) – Agora não pergunta mais nada não.

Marcelo e Beto: Peraí que a Ariel tem uma pergunta para você.

Ronaldo: Pra ela respondo com o maior carinho.

Ariel: Hoje em dia você se preocupa em estar na moda, gosta de vestir roupas da moda?

Ronaldo: Nada. Hoje eu me preocupo em namorar. Eu tenho um namorado de 40 anos, parece ter 29 e eu tenho 70. Meu namorado é lindo. Ah, sobre moda. A moda é o comportamento, são os costumes. É cultura. A moda é a coisa que muda. Moda não é roupa, é cabeça.